



**Os mansos morrem trabalhando
e os bravos, lutando**

Jaime Bertoluci



resumo

Examinó aqui a compaixão expressa pelo narrador de *Memorial do convento* (1982), quarto romance publicado por José Saramago, pelo sofrimento de bois de carga durante o transporte de uma pedra colossal destinada ao pórtico da igreja do convento em construção e de touros e outros animais massacrados em uma arena em Portugal no século XVIII.

Palavras-chave: bois; compaixão; literatura portuguesa contemporânea; *Memorial do convento*; José Saramago; tauromaquia.

abstract

*I examine here the compassion expressed by the narrator of *Memorial do convento* (1982), fourth novel published by José Saramago, for the suffering of oxen during the transportation of a colossal stone destined for the portico of the church of the convent under construction and for bulls and other animals massacred in an arena in 18th century Portugal.*

Keywords: *oxen; compassion; contemporary Portuguese literature; Memorial do convento; José Saramago; bullfighting.*

“Aos répteis meu amor, meu amor
aos animais de duas patas, àqueles
que têm quatro patas meu amor!

Meu amor aos animais que têm muitas. [...]

Que todas as criaturas que respiram,
todos os seres, todas as coisas, possam atingir
a felicidade, nenhuma encontrar o mal!”

(Ananda K. Coomaraswamy)

“Possuindo algo de nossa natureza, devido à
sensibilidade de que são dotados, julgar-se-á
que devam também participar do direito natural
e que o homem esteja obrigado para com eles a
certos deveres. Parece, com efeito, que,
se estou obrigado a não praticar qualquer mal
para com meu semelhante, é menos por ser ele
um ser razoável do que por ser um ser sensível,
qualidade que, sendo comum ao animal e ao
homem, pelo menos deve dar a um o direito
de não ser maltratado inutilmente pelo outro.”

(Jean-Jacques Rousseau)

Este estudo integra um projeto que desenvolvo no IEA-USP e que tem como objetivo examinar a expressão da compaixão pelo sofrimento imposto pelo homem aos animais, frequentemente relacionado a uma crença religiosa, na obra de ficção de José Saramago, e demonstrar que a compaixão não está necessariamente relacionada à religiosidade (posto que o autor declarava-se abertamente um ateu convicto) e que, pelo contrário, a ausência de compaixão pode estar paradoxalmente relacionada a algum tipo de crença no sobrenatural.

Memorial do convento (1982), romance que consolidou o nome de José Saramago nas letras portuguesas (Preto-Rodas, 2005), presta-se magnificamente para esse propósito, pois trata-se de um romance “histórico” em que a Coroa Portuguesa e a Igreja Católica do século XVIII unem-se para impor ao povo a construção do monumental convento de Mafra, nas vizinhanças de Lisboa, à custa do sofrimento desnecessário de homens e

JAIME BERTOLUCI é professor associado do Departamento de Ciências Biológicas da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da USP e pesquisador colaborador do Instituto de Estudos Avançados (IEA-USP).

animais, especialmente bois, além de retratar uma tourada, em que são martirizados, por pura diversão, além dos próprios touros, dezenas de outros animais (Saramago, 2000).

O próprio autor faz um resumo notável de seu livro no discurso que proferiu na Academia Sueca ao receber o Prêmio Nobel de Literatura de 1998 (Saramago, 1998). Começa apresentando as três personagens principais, aproveitando a ocasião para elogiar o amor e criticar a falta de bondade entre os homens:

“Aproximam-se agora um homem que deixou a mão esquerda na guerra e uma mulher que veio ao mundo com o misterioso poder de ver o que há por trás da pele das pessoas. Ele chama-se Baltasar Mateus e tem a alcunha de Sete-Sóis, a ela conhecem-na pelo nome de Blimunda, e também pelo apodo de Sete-Luas que lhe foi acrescentado depois, porque está escrito que onde haja um sol terá de haver uma lua, e que só a presença conjunta e harmoniosa de um e do outro tornará habitável, pelo amor, a terra. Aproxima-se também um padre jesuíta chamado Bartolomeu que inventou uma máquina capaz de subir ao céu e voar sem outro combustível que não seja a vontade humana, essa que, segundo se vem dizendo, tudo pode, mas que não pôde, ou não soube, ou não quis, até hoje, ser o sol e a lua da simples bondade ou do ainda mais simples respeito”.

Contextualiza a história no tempo e no espaço, criticando abertamente a intolerância da Igreja e os abusos de poder do soberano:

“São três loucos portugueses do século XVIII, num tempo e num país onde flo-

resceram as superstições e as fogueiras da Inquisição, onde a vaidade e a megalomania de um rei fizeram erguer um convento, um palácio e uma basílica que haveriam de assombrar o mundo exterior, no caso pouco provável de esse mundo ter olhos bastantes para ver Portugal, tal como sabemos que os tinha Blimunda para ver o que escondido estava...”.

Termina apresentando os trabalhadores de diversas profissões que deixaram em Mafra seu suor, seu sangue e até mesmo sua vida,

“uma multidão de milhares e milhares de homens com as mãos sujas e calosas, com o corpo exausto de haver levantado, durante anos a fio, pedra a pedra, os muros implacáveis do convento, as salas enormes do palácio, as colunas e as pilastras, as aéreas torres sineiras, a cúpula da basílica suspensa sobre o vazio”.

Nas palavras de Salma Ferraz de Oliveira (2002 , p. 93):

“Além da história do convento de Mafra, o livro faz uma releitura do passado lusitano, mais em sua miséria absoluta do que em seu esplendor. Aqui os privilegiados serão novamente as camadas sociais estranguladas pela História: os trabalhadores de Mafra, uma visionária, um soldado maneta, um padre voador e sonhador, enfim, é a história dos oprimidos”.

A fortuna crítica desse romance é de fato riquíssima, tendo sido ele objeto de inúmeras resenhas, monografias, dissertações, teses, livros e artigos em revistas

especializadas, mas uma análise dos animais que aparecem (e sofrem e morrem e são massacrados) no livro nunca foi feita. Destaco e comento a seguir as partes da história em que Saramago, na voz de seu narrador, refere-se ao sofrimento imposto pelos homens aos animais, principalmente aos bois que transportam uma enorme pedra de 31 toneladas, indivisa (por capricho), por uma estrada irregular, e aos touros (e coelhos e pombos) martirizados em uma arena para diversão dos assistentes. A compaixão que o autor manifesta pelo sofrimento dos animais parece ser um corolário de sua piedade pela miséria humana¹.

OS MANSOS MORREM TRABALHANDO

As pedras necessárias à construção do convento devem ser trazidas por animais de tração desde pedreiras das imediações de Mafra na forma de “grandes blocos transportados em carros puxados por dez ou vinte juntas de bois” (p. 127). Baltazar faz parte do grupo de 600 homens que levam a cabo essa árdua tarefa e, durante uma pausa noturna em que faz amor com Blimunda em um celeiro, ouve-se a voz do narrador louvando a intimidade entre os homens e os animais, tanto física (“Este é o melhor cheiro do mundo, o da palha remexida, dos corpos sob a manta, dos bois que ruminam na manjedoura...”, p. 135) como imaginária, nesse último caso humanizando os animais e

sacralizando o amor romântico ao equipará-lo a uma missa:

“Quando o caseiro aqui entrar [...] perguntará aos bois, Digam-me cá, houve missa esta noite, e eles virarão as cabeças mal armadas, sem surpresa, os homens sempre têm alguma coisa para dizer, e às vezes acertam, este foi o caso, que entre o amor dos que ali dormiram e a santa missa não há diferença nenhuma, ou, se a houvesse, a missa perderia” (p. 135.)

Outro exemplo da relação entre um homem e um boi se dá com José Pequeno, um órfão que desconhece suas origens e cuja corcunda o impediu de ter mulher. Afirma ter vindo a Mafra por gostar de trabalhar com bois e mesmo compara seu destino com o deles: “[...] os bois andam emprestados neste mundo, como eu, não somos de cá” (p. 225). Enganava-se quem pensasse ofendê-lo dizendo que em seu caso “o boieiro ficava com a cara à altura do focinho dos bois”, pois

“[...] ganhou consciência do gosto que lhe dava poder olhar a direito com os seus olhos de homem os imensos olhos dos animais, imensos e mansos, onde via reflectida a sua própria cabeça, o tronco, e, lá para baixo, sumindo-se na fímbria inferior da pálpebra, as pernas, quando um homem cabe inteiro no olho de um boi, pode-se enfim reconhecer que o mundo está bem construído” (p. 231).

A cumplicidade entre homens e bois presente nas cenas acima faz-nos lembrar de “Conversa de bois”, conto extraordinário de Guimarães Rosa publicado em *Sagarana*,

1 Os números das páginas de todas as citações de *Memorial do convento* feitas aqui referem-se à 25ª edição brasileira da Editora Bertrand Brasil.

em 1946 (Rosa, 1974). Os bois desse conto não são apenas humanizados, mas antes comportam-se como verdadeiros filósofos com tendências nietzschianas (Raduy, 2004). Por meio de uma conexão de pensamentos que cresce em tensão ao longo do conto, Tiãozinho, menino que acompanha o carro de bois que transporta o cadáver do pai, ironicamente conduzido pelo amante de sua mãe adúltera, ordena aos bois que derrubem o padrao do carro, como uma forma de silenciosa vingança:

“Namorado, vamos!!!... – Tiãozinho deu um grito e um salto para o lado, e a vara assobiou no ar... E os oito bois das quatro juntas se jogaram para diante, de uma vez... E o carro pulou forte, e craquejou, estrambelhado... [...] Agenor Soronho tinha o sono sereno, e a roda esquerda lhe colhera mesmo o pescoço...” (Rosa, 1974, p. 322).

Os bois de *Memorial do convento* sofrem por serem forçados a permanecer presos aos carros (“o chão empapava-se de urina e excrementos”) e expostos à chuva inclemente (“quem haverá aí capaz de dizer o que sentem estes animais, que fibras lhes estremecem, e até onde, se no movimento que fazem se tocam os cornos luzidios”) (p. 205).

O maior desafio dos trabalhos de carregar pedras até o local da construção, tanto para os homens como para os animais, surge quando decidem transportar um calhau gigantesco destinado a compor o pórtico da igreja como uma peça única, “tão excessiva a tal pedra que foram calculadas em duzentas as juntas de bois necessárias para trazê-la, e muitos os homens que tinham de ir também para as ajudas”. Foi preciso

construir um carro, uma “espécie de nau da Índia com rodas”, capaz de transportar a imensa pedra por uma estrada estreita e inclinada, “custosa de subir e perigosa de descer” (p. 233):

“A laje tem de comprimento trinta e cinco palmos, de largura quinze, e a espessura é de quatro palmos [...] e quando um dia se acabarem palmos e pés por se terem achado metros na terra, irão outros homens a tirar outras medidas e encontrarão sete metros, três metros, sessenta e quatro centímetros, tome nota, e porque também os pesos velhos levaram o caminho das medidas velhas, em vez de duas mil cento e doze arrobas, diremos que o peso da pedra da varanda da casa a que se chamará de *Benedictione* é de trinta e um mil e vinte e um quilos, trinta e uma toneladas em números redondos” (p. 236).

A primeira vítima humana logo aparece, “um homem distraiu-se, deixou ficar um pé debaixo da roda, ouviu-se um berro, um grito de dor insuportada [...] o homem já lá vai, gritando sempre [...] talvez escape com menos um bocado da perna, merda” (pp. 237-8).

À medida que o caminho prossegue, as dificuldades aumentam, tanto nas subidas:

“As subidas, se não havia curvas, resolvia-as a força bruta, tudo a puxar, os bois esticando as cabeças para diante, quase a tocarem com os focinhos os quartos traseiros dos da frente, resvalando às vezes na bosta e na urina que faziam regueiros em valetas abertas aos poucos pelo calcar das patas e pelo trilhar das rodas” (p. 244);

como nas descidas:

“Mas a aflição tornava-se agonia se o caminho era a descer. A todo o momento o carro se escapava, era preciso meter-lhe logo os calços, desatrelar as juntas quase todas, três ou quatro de cada lado chegavam para mover a pedra [...]” (p. 244);

e culminam na perda de um homem:

“Distraiu-se talvez Francisco Marques, ou enxugou com o antebraço o suor da testa, ou olhou cá do alto a sua vila de Cheleiros, enfim se lembrando da mulher, fugiu-lhe o calço da mão no preciso momento em que a plataforma deslizava, não se sabe como isto foi, apenas que o corpo está debaixo do carro, esmagado, passou-lhe a primeira roda por cima, mais de duas mil arrobas só a pedra, se ainda estamos lembrados. [...] Tiraram Francisco Marques de debaixo do carro. A roda passara-lhe sobre o ventre, feito numa pasta de vísceras e ossos, por um pouco se lhe separavam as pernas do tronco, falamos da sua perna esquerda e da sua perna direita, que da outra, a tal do meio, a inquieta, aquela por amor da qual fez Francisco Marques tantas caminhadas, dessa não há sinal, nem vestígio, nem um simples farrapito. [...] Trazemos aqui o seu homem, vão declará-lo a esta mulher que assomou agora ao postigo, que olha o monte onde está seu marido, e diz aos filhos, Vosso pai esta noite dorme em casa” (pp. 250-1);

e na morte de dois bois, cuja carne serve para atenuar as misérias do povo local:

“[...] foi o caso que a plataforma desandou sobre um afloramento de rocha e entalou dois animais contra a encosta a pique, par-

tindo-lhes as pernas. Foi preciso acabar com eles, à machadada, e quando a notícia correu vieram os moradores de Cheleiros ao bodo, ali mesmo foram os bois esfolados e desmanchados, corria o sangue pela estrada, em regueiros, de nada serviram os soldados e as pranchadas que deram, enquanto houve carne agarrada aos ossos esteve o carro parado” (p. 251).

Num domingo, houve missa e sermão. O frade coloca-se sobre a pedra:

“[...] e não se dava conta o imprudente de que cometia a maior das profanações, com as sandálias ofendendo esta pedra de ara, que o é por lhe ter sido sacrificado sangue inocente, o sangue do homem de Cheleiros que tinha filhos e mulher, o que ficou sem o pé em Pêro Pinheiro, ainda o préstito não saíra, e os bois, não devemos esquecer os bois, pelo menos não vão esquecê-los tão cedo os moradores que foram à carniça e que hoje mesmo, domingo, fazem refeição melhorada” (p. 253).

O narrador ironiza a indecência contida no sermão do frade, que pretende justificar o trabalho insano de transportar a pesada pedra (“muito mais pesados são os vossos pecados”) não apenas pelo “salário do contrato” como também pela indulgência do céu (“porque em verdade vos digo que levar esta pedra a Mafra é obra tão santa como foi a dos antigos cruzados quando partiram a libertar os Santos Lugares”). O sermão garante lugar no céu àquele homem que morreu sob as rodas do carro, apesar de inconfesso, e até mesmo àqueles “que morrem de facadas”, mas fecha as portas do paraíso aos “irredimíveis pecadores que

foram levados por vergonhosas doenças”. Termina pedindo a Deus paciência, força aos trabalhadores e dinheiro a El-Rei, “que muito necessário é este convento para fortalecimento da ordem e alargado triunfo da fé, ámen” (pp. 253-4).

Dois dias depois, após oito dias de transporte, finalmente a pedra chega a seu destino, ficando clara a relação desmedida entre o trabalho realizado e a finalidade da laje:

“Quando entraram no terreiro, foi como se estivessem chegando duma guerra perdida, sujos, esfarrapados, sem riquezas. Toda a gente se admirava com o tamanho desmedido da pedra, Tão grande. Mas Baltasar murmurou, olhando a basílica, Tão pequena” (p. 266).

OS BRAVOS MORREM LUTANDO

No início do romance, quando Baltasar e Blimunda ainda estão em Lisboa, assistem a uma tourada (pp. 95-8). Após descrever detalhadamente a ornamentação da praça de touros, “toda rodeada de mastros, com bandeirinhas no alto e cobertos de volantes até ao chão”, com “as bancadas e os terrados formigando de povo”, o narrador informa que “impacienta-se o povinho que quer ver sair os touros”, pois “já se foram embora as danças, e agora retiraram-se os aguadores”. A arena ficou “um brinco, cheirando a terra molhada, parece que o mundo se acabou agora mesmo de criar”, mas “não tardam aí o sangue e a urina, e as bostas dos touros, e os benicos dos cavalos, e se algum homem se borrar de medo oxalá o amparem as bragas”.

O sofrimento dos animais começa:

“Entrou o primeiro touro, entrou o segundo, entrou o terceiro, vieram os dezoito toureiros de pé que o Senado contratou em Castela a peso de muito dinheiro, e os cavaleiros saíram à praça, espetaram as suas lanças, e os de pé cravaram dardos enfeitados de papéis recortados [...]”.

Acontece a primeira covardia (“aquele cavaleiro a quem o touro desfeiteou, fazendo-lhe cair o manto, atira o cavalo contra o animal e fere-o à espada, que é o modo de vingar a honra manchada”), e a matança prossegue (“entram o quarto touro, o quinto, o sexto, entraram já dez, ou doze, ou quinze, ou vinte, é uma sangueira por todo o terreiro”). Enquanto “os touros morrem uns após outros e são levados para fora numa carroça de rodas baixas puxada a seis cavalos [...] as damas riem, dão gritinhos, batem palmas”.

A carnificina (“e lá vai o touro crivado de flechas, esburacado de lançadas, arrastando pelo chão as tripas”) põe “os homens em delírio”, que “apalpam as mulheres delirantes, e elas esfregam-se por eles sem disfarce”. Saramago não idealiza suas personagens (“nem Blimunda é exceção, e por que havia de o ser, toda apertada contra Baltasar, sobe-lhe à cabeça o sangue que vê derramar-se, as fontes abertas nos flancos dos touros, manando a morte viva que faz andar a cabeça à roda”), mas não deixa de expressar compaixão pelo sofrimento dos touros, humilhados e abatidos sem nenhuma piedade:

“[...] a imagem que se fixa e arrefece os olhos é a cabeça descaída de um touro, a boca aberta, a língua grossa pendendo, que já não ceifará áspera, a erva dos campos,

ou só os pastos de fumo do outro mundo dos touros, como haveremos de saber se inferno ou paraíso. Paraíso será, se justiça houver, nem pode haver inferno depois do que sofrem estes [...]”.

Esse último “estes” refere-se aos touros em que eram colocadas “mantas de fogo que são umas capas grossas, em camadas, recheadas de várias ordens de foguetes”; ateava-se fogo às duas pontas da manta, que começava a arder:

“[...] e os foguetes rebentam, por largo espaço vão rebentando, estouram e resplandecem por toda a praça, é como assar o touro em vida, e assim vai o animal correndo o terreiro, louco e furioso, saltando e bramindo, enquanto D. João V e o seu povo aplaudem a mísera morte, que nem o touro, ao menos, se pode defender e morrer matando”.

A certa altura do espetáculo, para alívio de alguns assistentes enjoados da carnificina e decepção de outros, “os cépticos e os violentos”, que pedem por “outra manta de fogo para rirmos todos e el-rei”, “trazem agora umas figuras de barro pintadas, de maior tamanho que o natural de homens citando de braços levantados, e põem-nas no meio do terreiro”. Dois touros são soltos na arena, defrontam-se com os bonecos de barro “sarapintados como demónios” e pensam: “nestes vingaremos todas as ofensas sofridas”.

A inocência dos touros de Saramago concorda com a do touro Miúra de seu conterrâneo Miguel Torga, cuja poesia era admirada pelo próprio Saramago e seus contos, por Jorge Amado. O conto de Torga relata a morte de um touro que espera sua

vez de entrar na arena e vê o corpo de seu companheiro sendo arrastado sem vida; não entende sua situação e, exausto de ser enganado e ferido pelo toureiro, pede pela generosidade de uma morte imediata:

“Calada, a lâmina oferecia-se inteira. Calmamente, num domínio perfeito de si, Miúra fitou-a bem. Depois, numa arremetida que parecia ainda de luta e era de submissão, entregou o pescoço vencido ao alívio daquele gume” (Torga, 1996, p. 117).

Para surpresa dos assistentes, dos potes arrebetados pelos touros “saem dezenas de coelhos espavoridos, correndo à disparada por todos os lados, perseguidos e mortos a porrete pelos capinhas e outros homens que saltaram à praça [...] enquanto o povo ri em gargalhadas estentóreas”.

Após o massacre dos coelhos, de dois outros bonecos de barro despedaçados pelos touros saem bandos de pombas que, desorientadas pelo choque e pela súbita exposição à luz do sol, “não conseguem ganhar altura e vão esbarrar com os altos palanques onde caem em mãos sôfregas, não tanto por mira do salubre petisco que é o pombo estufado, mas para ler a quadra que vai escrita num papel atado ao pescoço da ave”. Os papéis amarrados às pombas trazem escritas frases como “Ora já estou descansada, e se hei-de morrer enfim, Deus, que o determina assim, me mate com gente honrada” e “Eu venho fugindo aos tombos dos que por matar-me morrem, que aqui, quando touros correm, também querem correr pombos”. Alguns pombos conseguem escapar “das mãos e dos gritos” e “colhem nas alturas a luz do sol, e quando se afastam, por cima dos telhados, são como pássaros de ouro”.

Saramago castiga suas personagens, pois na noite após a tourada, Baltazar e Blimunda sonharam “que viajavam pelo ar, Blimunda num coche puxado por cavalos com asas, Baltazar cavalgando um touro que levava uma manta de fogo”, mas de repente “os cavalos perdiam as asas e ateava-se o rastilho, começavam a rebentar os foguetes, e na aflição do pesadelo ambos acordaram”.

A morte de animais como diversão remonta ao Império Romano. Célebres por sua barbárie com homens e animais, os romanos se compraziam em presenciar o massacre de incontáveis animais selvagens (por *bestiários*, gladiadores treinados em abatê-los), espetáculos de caça encenados no Circo Máximo (capacidade para 250 mil espectadores!), no Coliseu de Roma e em outras arenas, lutas entre ursos e entre touros acorrentados uns aos outros, além da morte de elefantes, rinocerontes, hipopótamos, leões e leopardos, enfurecidos artificialmente por estimulantes; os sobreviventes eram abatidos a flechadas pelo público desde as arquibancadas (Ricard, 2017, pp. 169-70). A inauguração do Coliseu, que ocorreu em 81 d.C. e durou 100 dias, assistiu ao extermínio de 9 mil animais selvagens, e no ano 240, em uma única celebração, “foram mortos nada menos que 2 mil gladiadores, 70 leões, 40 cavalos selvagens, 19 girafas, 10 antílopes, 10 hienas, 10 tigres, além de um hipopótamo e um rinoceronte”.

“A loucura coletiva das multidões sedentas de tais espetáculos sangrentos finalmente se encerrou por volta do século VI, com o fechamento do Circo Máximo, que pouco a pouco caiu em ruínas. A violência contra os

animais, porém, persistiu em entretenimentos ao longo dos séculos... Hoje em dia, os massacres da Antiguidade ainda subsistem nas touradas [...]” (Ricard, 2017, p. 171).

A tauromaquia sacrificial parece ter origem pré-romana em cultos neolíticos que estendiam-se por todo o Mediterrâneo e que sobreviveram na Península Ibérica e partes da França, sendo a arena circular um símbolo associado a religiões solares. Os romanos tentaram abolir essa prática na Hispania por considerá-la arriscada para os jovens e um modo inapropriado de louvar os deuses, os árabes a proibiram na Iberia como um culto pagão e uma heresia (mas encontraram a resistência da nobreza cristã) e o Papa Pio V baniu-a no século XVI por ser pagã e perigosa, excomulgando quem a promovesse, assistisse ou dela participasse. Nada deu resultado, e ainda ocorrem touradas na Espanha, Portugal, sul da França, México, Colômbia, Venezuela e Equador².

A breve discussão ética sobre as touradas que faço a seguir está largamente baseada nas posições defendidas por Matthieu Ricard (1946-), Ph.D. em Genética Celular pelo Instituto Pasteur sob a orientação de François Jacob, Prêmio Nobel de Medicina.

Ricard é filho do filósofo francês Jean-François Revel e da artista plástica Yahne Le Toumelin, tendo crescido no centro intelectual e artístico de Paris em uma casa frequentada por Stravinsky e Buñuel. Minha opção por Ricard não é casual, pois há 40 anos abandonou a academia e tornou-se

2 Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Spanish-style_bullfighting#Arab_Prohibition.

monge budista, sendo atualmente escritor, orador brilhante (aclamado no Fórum Econômico Mundial, em Davos) e tradutor de Sua Santidade o Dalai Lama. Entre seus livros, destaco *O monge e o filósofo: o budismo hoje* (Revel & Ricard, 1998), escrito com seu pai (um ateu) e traduzido para mais de 20 línguas, *A revolução do altruísmo* (Ricard, 2015) e, naturalmente, *Em defesa dos animais: direitos da vida* (Ricard, 2017); os dois últimos livros trazem apelos, embasados nas descobertas da psicologia, da biologia evolutiva e das neurociências, aos nossos sentimentos inatos de altruísmo e compaixão para com todos os animais, humanos e não humanos.

Matthieu Ricard é considerado “o homem mais feliz do mundo”, pois estudos neurológicos de seu cérebro durante a meditação, realizados por um dos pioneiros da neurofisiologia das emoções, registraram um nível de atividade das ondas gama nunca antes relatado na literatura científica (Davidson, 2013).

Segundo o filósofo Francis Wolff (2010), apaixonado defensor da tauromaquia, a tourada é um espetáculo magnífico, não apenas aceitável, mas moralmente correta, que permite cultivar (no toureiro) virtudes nobres, como coragem, dignidade e brio, autocontrole, lealdade e solidariedade. Conclui ele:

“Também é preciso matar o adversário, o que só se justifica se para tanto for necessário colocar sua própria vida em risco: isso pressupõe uma perfeita lealdade frente ao adversário e uma total sinceridade em seu próprio compromisso físico e moral. [...] Não é esse um exemplo do que gostaríamos de poder fazer, um modelo do que almejaríamos ser?” (Wolff, 2010).

Ricard considera uma contradição ética cultivar virtudes enquanto se causa danos a outros, sobretudo a seres inocentes. Outras razões defendidas por Wolff e pelos simpatizantes (acompanhadas de rápidas respostas, transcritas livremente) incluem a “arte de matar” (“matar não é uma arte, a morte não é uma obra nem um espetáculo”), “o touro ‘bravo’ só existe para ser morto” (“quem decidiu selecionar os touros mais belicosos com o único intuito de matá-los em uma arena?”), “a igualdade de oportunidades entre o homem e o animal” (“entre 1950 e 2003 foram mortos 41.500 touros e um único toureiro”), “o touro é o único adversário digno do homem” (“na verdade é um dos poucos adversários com potencial dramático para ser combatido dando a impressão de perigo sem correr grandes riscos”), “o ‘touro de luta’ não sente dor, senão fugiria em vez de atacar” (essa afirmação é tão absurda que sequer merece comentário) e “muitos pensadores e artistas importantes compreenderam e amaram as touradas, incluindo Mérimée, Garcia Lorca, Cocteau, Hemingway, Manet e Picasso, como seria possível que eles estivessem tão enganados?” (acrescento Goya por minha conta); esta última defesa das touradas merece, de Ricard (2017), uma resposta em destaque:

“Em que o talento literário ou artístico de que eles eram certamente dotados poderia fundamentar qualquer opinião, favorável ou desfavorável, sobre as touradas? [...] O fato de ocupar posição de destaque em determinadas especialidades não faz da pessoa, necessariamente, um bom ser humano. [...] Hitler orgulhava-se de ser pintor, Mao de ser poeta e Stalin de cantar bem. Se tivessem alcançado a mesma genialidade de Rem-

brandt, Baudelaire ou Mozart, isso teria atenuado o horror de seus crimes?”.

Podemos facilmente contrapor a esses homens muitos outros, igualmente ilustres e talentosos, como o próprio Saramago, John M. Coetzee e Machado de Assis, que se opunham às touradas (Coetzee ainda se opõe). O desprezo pelas touradas e a preocupação com o sofrimento dos animais, que percorrem boa parte de sua obra, são uma faceta pouco conhecida de Machado:

“E querem saber por que detesto as touradas? Pensam que é por causa do homem? Ixe! É por causa do boi, unicamente do boi. Eu sou sócio (sentimentalmente falando) de todas as sociedades protetoras dos animais. O primeiro homem que se lembrou de criar uma sociedade protetora dos animais lavrou um grande tento em favor da humanidade [...]”³.

Finalmente, para abreviar nossa própria sensação de náusea, o que dizer da afirmação de que “os aficionados não sentem prazer algum em fazer mal a quem quer que seja, são pessoas plenas de compaixão”, quando a compaixão pode ser definida como o “pesar que em nós desperta a infelicidade, a dor, o mal de outrem” (Holanda, 1986), ou quando ficamos sabendo que uma região específica do córtex cerebral já foi identificada como desencadeadora da compaixão e que a compaixão pela dor física dos outros não é nem mesmo uma emoção exclusivamente humana (Damásio, 2009)?

Segundo o site Basta, dedicado a abolir por completo as corridas de touros em Portugal, a maioria dos portugueses “desperta para a compaixão e respeito pelos animais e não aceita que no século XXI se procure perpetuar uma tradição anacrônica e violenta que é responsável pelo maltrato e morte de cerca de 2 mil bovinos e cavalos todos os anos”, relatando uma diminuição do número de touradas em 30% entre 2002 e 2012, segundo estatísticas oficiais (Basta, 2020).

De acordo com a mesma fonte, a tauromaquia é financeiramente insustentável, sobrevivendo às custas de cerca de 16 milhões de euros por ano retirados do erário público. Nas touradas ditas “à portuguesa”, os cornos dos touros são cortados e recebem uma proteção e os touros não são mortos na arena. Contudo, são vítimas da mesma violência, pois são feridos com “ferros curtos e longos”, sangrados, dominados e arrastados para serem mortos em abatedouros, longe das vistas do público.

No Brasil, a vaquejada era uma prática considerada desportiva e cultural, com provável origem na Espanha, que envolvia a perseguição veloz de um boi por dois vaqueiros a cavalo, que o faziam cair com as quatro patas para cima (conforme as normas do jogo) torcendo-lhe bruscamente a cauda. Segundo Gordilho e Figueiredo (2016):

“Na verdade, não são divulgadas para o público em geral os métodos utilizados para ocasionar a disparada ou corrida dos bois nas vaquejadas, mas se sabe do seu confinamento prévio por longo período, a utilização de açoites e ofendículos, introdução de pimenta e mostarda via anal, choques

3 Disponível em: *Scientific American Brasil*, <http://sciam.uol.com.br/machado-de-assis-e-as-touradas/>.

e outras práticas evidentemente caracterizadoras de maus tratos”.

Em 2016, o Supremo Tribunal Federal decidiu pela inconstitucionalidade da vaquejada porque essa prática submete os animais à crueldade, fazendo prevalecer os direitos dos animais sobre as manifestações culturais e repetindo sua decisão análoga nos julgamentos da briga de galos e da farra do boi; dando nomes aos bois, os votos dos ministros Marco Aurélio (relator), Luís Roberto Barroso, Rosa Weber, Celso de Melo, Ricardo Lewandowsky e Cármen Lúcia derrotaram os votos dos ministros Edson Fachin, Gilmar Mendes, Teori Zavascki, Luiz Fux e

Dias Toffoli (Gordilho & Figueiredo, 2016). No voto que decidiu a questão, a ministra Cármen Lúcia disse que:

“Sempre haverá os que defendem o que vem de longo tempo e se encravou na cultura do nosso povo. Mas cultura se muda e muitas foram levadas nessa condição até que houvesse outro modo de ver a vida, não somente a do ser humano”.

Quiçá os touros espanhóis, portugueses, franceses, mexicanos, colombianos, venezuelanos e equatorianos também mereçam a compaixão dos legisladores humanos de seus respectivos países.

BIBLIOGRAFIA

COOMARASWAMY, Ananda K. *O pensamento vivo de Buda*. Trad. Ary Vasconcelos. São Paulo, Martins, 1965.

BASTA. “Cidadãos pela abolição das corridas de touros em Portugal”, 2020.

DAMÁSIO, António. *E o cérebro criou o homem*. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.

DAVIDSON, Richard J. *O estilo emocional do cérebro*. Trad. Diego Alfaro. Rio de Janeiro, Sextante, 2013.

GORDILHO, Heron José de Santana; FIGUEIREDO, Francisco José Garcia. “A vaquejada à luz da Constituição Federal”, in *Revista de Biodireito e Direito dos Animais*, v. 2, n. 2. Curitiba, 2016, pp. 78-96.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

OLIVEIRA, Salma Ferraz de Azevedo de. *As faces de Deus na obra de um ateu – José Saramago*. Tese de doutorado. Assis, Unesp, 2002.

PRETO-RODAS, Richard A. “A view of Eighteenth-Century Portugal: José Saramago’s *Memorial do convento* (Baltasar and Blimunda)”, in Harold Bloom (ed.). *Bloom’s modern critical views*. Chelsea House Publishers, 2005, pp. 1-9.

- RADUY, Ygor. “‘Conversa de bois’ sob a ótica nietzschiana da crítica da razão”, in *Ao Pé da Letra*, v. 6, n. 2. Londrina, 2004, pp. 196-209.
- REVEL, Jean-François; RICARD, Matthieu. *O monge e o filósofo: o budismo hoje*. Trad. Joana Angélica D’Ávila Melo. São Paulo, Mandarim, 1998.
- RICARD, Matthieu. *A revolução do altruísmo*. São Paulo, Palas Athena, 2015.
- _____. *Em defesa dos animais – direitos da vida*. Trad. Tamara Barile. São Paulo, Palas Athena, 2017.
- ROSA, João Guimarães. *Sagarana*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1974.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. “Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens”, in *Os pensadores*. Trad. Lourdes Santos Machado. São Paulo, Nova Cultural, 1991.
- SARAMAGO, José. “De como a personagem foi mestre e o autor seu aprendiz”. Discurso de Estocolmo proferido em 7 de dezembro de 1998. Disponível em: http://www.citi.pt/cultura/literatura/romance/saramago/est_dis2.html.
- _____. *Memorial do convento*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000.
- TORGA, Miguel. *Bichos*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1996.